

dências da educação no século XXI, dos griots da África aos Griôs do Brasil, com uma visão pluri-inter-trans-cultural. Propondo e relatando vivências étnico-raciais positivas, contando histórias, compartilhando experiências de implementação de projetos, atos de currículos, práticas pedagógicas, inclusive processos de iniciação e aprendizagens com Mestres Griôs. Outros textos cuidam de novas e velhas referências teóricas e caminham ao encontro da realidade para partilhar a perplexidade das forças afetivas que movem a histórias de vida e as (r)evoluções culturais do povo brasileiro.

Como criadora da Pedagogia Griô junto a Márcio Caires, o Velho Griô, dou as mãos nesta roda, com o sonho que aprendi a sonhar junto com Sérgio Bairon - a Produção Partilhada do Conhecimento. Sou aprendiz de cada olhar que ocupa o centro.

Líllian Pacheco

Em seu livro "As Américas e as Civilizações", Darcy Ribeiro chama o Brasil de Povo Novo. Novo porque inaugura um encontro diferenciado entre etnias e nações, muito distante das ideias de "pureza" de suas matrizes europeias formadoras. Novo porque aproxima todos os continentes do mundo. Novo porque sua diversidade, como universalidade, não apresenta outra saída que não seja o caminho da convivência com o outro. Uma convivência acostumada a dialogar com o mundo todo. A palavra Griô define a essência deste Povo Novo, que tanto reconhece as suas ancestralidades quanto dialoga com o Outro. Griô é um nome-síntese de trajetórias agregadoras, múltiplas, híbridas, mestiças e inovadoras do povo brasileiro. Não representa uma unidade cultural, ao contrário, expressa a diversidade de um povo que aprendeu a construir sua identidade com o Outro. É um nome que age como uma metáfora de que o "eu" é sempre o resultado do

diálogo com o “outro”, ou melhor, o eu é também o outro. O nome Griô, simboliza uma forte expressão tanto da valorização dos saberes orais oriundos dos recônditos rurais e das cidades do Brasil, quanto da valorização do encontro entre a brasilidade e o mundo diverso que a compôs. Nesse sentido, a brasilidade do mundo e o mundo da brasilidade são a mesma coisa. Trata-se da fertilização do diálogo, presente na hibridização dos continentes e promovida a partir de uma Epistemologia do Sul. Um Povo Novo que tem por essência, ao mesmo tempo, o universal e as tradições locais.

Griô significa que não vivemos a ideia de uma brasilidade “pura” e “nacionalista”, mas que nossa brasilidade é, em essência, antropofílica.

A experiência do Grãos de Luz e Griô de Lillian Pacheco e Márcio Caires, nos demonstrou que o nome Griô é a própria diversidade que defende, daí a sua importância. É metalinguagem que reúne ética e estética. É reinvenção da vida em sua expressividade estética, reconhecendo que na cultura, na educação e na cidadania, ética e estética não podem atuar separadamente. O nome Griô tem gravado em sua corporeidade as relações entre África, Europa e Américas e seu fundamento está na transmissão da cultura oral por meio dos grandes mestres contadores

de histórias. Histórias do seu povo no interior da rede de histórias dos povos. Nesse universo, não podemos enfatizar uma etnia ou uma cultura específica, pois as suas singularidades só adquiriram importância na diversidade do diálogo com outras culturas.

A Pedagogia Griô reconhece que o Griô não é periferia, mas o centro da espiral cultural que compõe o Povo Novo. Não é cultura letrada escrita, é cultura oral, erudita e corporal e vem sendo transmitida ao longo de séculos sem apoio do ensino formal ou da mídia em larga escala. Quando conta as suas histórias, o Mestre Griô revela o que há de mais vivo e ancestral no mundo, mas também socializa e atualiza para todos nós as tradições de seu povo. Não é por acaso, que na África os Mestres Griôs eram poupados da participação nas guerras, pois se morressem, não significaria a morte de uma pessoa, mas do fundamento de uma cultura. Não é por nada que em algumas regiões da África Ocidental, os Mestres Griôs ao morrerem eram enterrados no interior das árvores (Baobá, por exemplo), para que suas narrativas continuassem a fertilizar a cultura, assim como as folhas de uma árvore fazem com o nosso entorno.

Sendo assim, o presente número da Revista do Diversitas, tem por objetivo aproximar os saberes da cultura oral, das experiências da sociedade civil (Grãos

de Luz e Griô) e dos produzidos na Universidade.
A proposta é que este encontro de saberes ofereça condições para um diálogo mais profícuo a partir de suas diversidades, que represente uma nova forma de produzir e socializar o conhecimento, no caminho da construção de uma cidadania brasileira que se seja calcada, sobretudo, em nossa grande riqueza de culturas orais.

Sérgio Bairon